

## PARTE III

### **O ensino da história da psicologia**

## História da psicologia para curso de graduação

William B. Gomes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GOMES, WB. História da psicologia para curso de graduação. In FREITAS, RH., org. *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 114-124. ISBN: 978-85-99662-83-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# História da Psicologia para curso de graduação

*William B. Gomes \**

A formação em psicologia é um tema apaixonante e desafiador. A psicologia é um campo de conhecimento de múltiplas formações. As ênfases e preferências variam de curso para curso sem que isto signifique, necessariamente, uma opção por área, aplicação ou metodologia. Tal variedade, se de um lado enriquece o estudo desta ciência e profissão, de outro traz desafios que devem ser diagnosticados e equacionados. Como professores dos cursos de pós-graduação temos um compromisso ético com a qualificação profissional por meio da formação de docentes e da atualização de disciplinas da graduação. Pessoalmente, sinto-me muito atraído por propostas de ensino que contemplem os avanços da ciência, sua pluralidade e sua história. Neste texto, identificarei alguns desafios que o pluralismo acarreta aos currículos dos cursos de graduação e indicarei como o estudo da história da psicologia pode, simultaneamente, esclarecer a diferença e a identidade que nos congregam, neste grande campo de pesquisa e aplicação. Em outras palavras, estarei argumentando que a história é um modo atrativo e eficiente de introdução conceitual e metodológico à psicologia. Os caminhos e descaminhos da história ilustram a emoção e a aventura de se fazer ciência, clarificam raízes conceituais e identificam matrizes que servem como metateorias reguladoras.

Além disso, desvelam os desafios sociais que serviram para estimular ou inibir o desenvolvimento de teorias e práticas nos diversos períodos históricos.

## **Pluralismo conceitual da psicologia**

O currículo do curso de graduação em Psicologia, em uso desde 1962, pode ser considerado como um modelo clássico de formação em Psicologia. Contempla as diferentes áreas e ainda destina quantidade considerável de tempo para a iniciação aplicada, por meio dos estágios. Incertezas de mercado têm incentivado a defesa de uma formação

---

\* Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

generalista, baseada em dois argumentos: 1) manter a abertura e a abrangência, e 2) propiciar maiores possibilidades de trabalho. Por outro lado, a ordenação progressiva dos conteúdos é problemática. É difícil decidir o que é introdutório e básico; o que é intermediário, diferenciador ou integrador; e o que é terminal e profissionalizante. Na verdade, a logicidade está implícita na seriação curricular. Na prática, assiste-se à peregrinação de determinados conteúdos de disciplina em disciplina, à omissão de outros, à apresentação de fundamentos que parecem não fundamentar coisa alguma e à formação em práticas que carecem de fundamentos.

Neste quadro problemático, os conteúdos são apresentados como que descontextualizados de sua etimologia e historicidade. Um bom exemplo é o uso de termos ou vocábulos em psicologia. Sabe-se que as teorias identificam-se com diferentes conceitos, ocorrendo muitas vezes o uso de um mesmo termo para diferentes definições. Lamenta-se, contudo, que este vasto vocabulário, extremamente importante, incorpore-se aos iniciantes sem que haja uma clareza de seu significado e de sua etimologia. Não temos uma literatura didática preparada para a formação em psicologia, como ocorre em outros países. Mesmo entre autores é pouco usual a preocupação com a definição dos termos ou conceitos que sustentam seus argumentos, mesmo tratando-se de palavras com muitas definições e sentidos. O estudo da história da psicologia aliado a uma taxonomia conceitual parece-me uma boa maneira de promover uma iniciação científica e profissional que enfatize as diferenças e identidades e as relações e contrastes entre teorias. Com estes objetivos assumi em 1989 a disciplina de História da Psicologia no primeiro semestre do Curso de Graduação.

### **Pluralismo psicológico e história da psicologia**

Na minha avaliação, a primeira necessidade para o sucesso da proposta era a definição de um fio condutor, que ao mesmo tempo unificasse a seqüência dos períodos históricos e permitisse a demarcação de suas diferenças (continuidade *versus* ruptura). A solução veio da Filosofia da Ciência. Operacionalizei cada item do programa desde os gregos até a revolução cognitiva em quatro perguntas básicas: o que eu sei, como eu sei, por que eu sei e para quê eu sei. *Estas* perguntas permitem identificar, em

cada época ou em cada teoria, o que se sabe (*objeto*), como se sabe (*episteme*), qual a justificativa para o que se sabe (*lógica*) e quais as implicações deste saber (*ética*). As quatro perguntas nos remetem para as quatro grandes áreas da filosofia e para os quatro passos importante da descoberta e comunicação científica.

As quatro grandes divisões da filosofia são: metafísica, epistemologia, lógica e axiologia. Vejamos, a seguir, a definição destas regiões filosóficas (de acordo com Ferrater-Mora, 1988 e Lanigan, 1988) e como podem ajudar no ensino da psicologia em cursos de graduação por meio da história.

A metafísica divide-se usualmente em ontologia, que se ocupa de questões referentes aos vários tipos de entidades que compõem o universo, e em metafísica propriamente, que se ocupa com a descrição das várias formas de realidade. No caso da disciplina História da Psicologia as perguntas ontológicas são: o que é psicologia? qual o objeto da psicologia? ou ainda, qual a natureza deste objeto? As perguntas levam à definição de uma ou várias entidades e conseqüentemente à justificação de sua natureza.

A epistemologia refere-se aos modos de aquisição do conhecimento e aos critérios de validação desde conhecimento. Em geral, entende-se como epistemologia a preocupação com a consistência entre a definição de um objeto e o meio de acesso a este objeto. As teorias de epistemologia são comum ente associadas às teorias de metodologia. Conhecer um objeto implica num reconhecimento de origem, numa organização e numa possibilidade de verificação. O método por sua vez exige faturalidade, localização, definição e avaliação. No caso da disciplina História da Psicologia as perguntas epistemológicas podem ser colocadas da seguinte forma: em sendo este o objeto da psicologia, seu modo de acesso é este, através deste meio, justificado deste modo.

A lógica estuda as formas do pensar corretamente. Tradicionalmente, estuda-se lógica examinando-se as relações entre as premissas e as suas conclusões. Na disciplina História da Psicologia não se estuda lógica aristoteliana nem lógica moderna. O interesse é a identificação e a compreensão do tipo de argumento a que uma determinada teoria recorre para justificar as relações entre suas premissas e suas conclusões. No entanto, um conhecimento preliminar de lógica seria muito útil.

Por fim, a axiologia ocupa-se da estética e da ética. Ocupa-se do *exame dos* valores humanos e de suas formas de expressão e simbolização. É nesta região que se encontram as aplicações ou recomendações práticas das teorias.

As mesmas quatro perguntas já mencionadas indicam os quatro passos da descoberta científica: qual o problema (*objeto*), qual o encaminhamento (*episteme*), qual o critério de análise e verificação (*lógica*), e quais as implicações dos achados para a prática e para a ciência (*ética*).

O programa da disciplina inicia com a História das Idéias para identificar nelas a idéia de uma psicologia nascente. A primeira preocupação é a demarcação de conceitos psicológicos básicos, tais como consciência, alma (psique), animismo, comportamento, objetividade, racionalidade, identidade, dialética, atomismo, mecanicismo, elementos, temperamento, subjetividade, reminiscências (nativismo), causalidade e hedonismo (egoísta e racional). Com a continuidade do programa, novos termos ou novas definições para termos já conhecidos vão surgindo da história. Um aspecto interessante deste exercício é tratar, à distância, de problemas muito próximos, como as relações entre teoria e ideologia (ideologia como valor regulador subjacente à teoria). Sabe-se que a explicitação de uma metateoria subjacente que regula uma teoria popular pode provocar uma forte polêmica entre grupos favoráveis e contrários. Tal polêmica pode confundir a organização do trabalho de classe e inviabilizar o exame crítico necessário para a formação. É comum ouvir comentários de que a discussão estava bem interessante até ser colocada uma questão que produziu uma grande polêmica. Daí em diante os trabalhos seguem bem tumultuados e lá pelas tantas ninguém parece saber do que se fala. Este é um exemplo de uso improdutivo de tempo de aula.

Uma maneira de ilustrar esta proposta de introdução histórica à psicologia é tomar a definição ontológica do que é psiquismo para diferentes autores, em diferentes épocas. Pode-se começar com as versões de Platão e Aristóteles, seguir com releitura destas versões em Agostinho e Tomás de Aquino, passar pelos racionalistas e empiristas e finalizar o exercício com o idealismo de Kant. Em cada caso, identifica-se qual a preocupação maior que regulava as preocupações menores. Por exemplo, Platão partia de um entendimento de vida psíquica procedente de uma alma

reencarnável, incorpórea, essencialmente moral; Aristóteles, de um princípio de vida animal independente, mas com uma função de coordenação geral; Agostinho de uma alma reencarnável graças às dádivas do Criador; e Aquino advinda de uma alma imaterial, mas unida ao corpo e dirigida ao mundo natural (Gomes, 1990).

Neste quadro comparativo, discute-se como as tradições dos autores e suas prioridades orientavam as formulações gerais da teoria. Por exemplo, Platão vinha de uma tradição socrática, e seu trabalho buscava conferir um status ontológico à posição de Sócrates, de que a alma é essencialmente moral (Mueller, 1968); Aristóteles buscava fundamentar a definição de uma realidade estável e harmoniosa, na qual as partes eram coordenadas pelo conjunto. Uma outra diferença era que Platão desenvolvia uma metodologia e lógica para o estudo da astronomia; e Aristóteles aplicava sua metodologia e lógica para o estudo da natureza. Já Agostinho e Aquino vão reler os gregos Platão e Aristóteles, respectivamente, na ótica cristã e desta forma procuram manter a tradição dos filósofos que os inspiraram, mas com os ajustes necessários para adaptá-la à fé cristã.

O mesmo exercício pode ser realizado na história moderna fazendo a pergunta: o que é vida psíquica para Descartes, Locke, Hume e Kant? O contexto está modificado pelas mudanças gerais do tempo, entre elas, a valorização da individualidade e a substituição da certeza divina pela dúvida metodológica. Infelizmente, o espaço não me permite continuar com o exercício. De qualquer modo, o exercício facilita a compreensão do que é um objeto para uma ciência e as implicações decorrentes das escolhas. Também mostra que a situação especialíssima da relação exclusiva/inclusiva de sujeito e objeto em psicologia não deve ser motivo de lamentações ou prantos. Deve ser vista na formação multifacetada deste corpo de conhecimento chamado psicologia, fruto das muitas tendências que germinaram nos séculos XVIII e XIX, e de outras tendências que se articularam no século XX. Tal condição aponta para grandes regiões ontológicas em psicologia, com implicações específicas para epistemologia, lógica e ética. Basta comparar as propostas de psicologia de autores contemporâneos como Wundt e Ebbinghaus (empírica e experimental) e Brentano e Dilthey (empírica e descritiva) e suas conseqüências: o desenvolvimento de uma psicologia como ciência natural, no primeiro caso, e de uma psicologia como ciência humana, no segundo (Giorgi, 1970). Estas posições estavam sendo influenciadas por grandes teorias, como a

física de Newton (o mecanicismo e elementarismo de Wundt) e os neokantianos das escolas de Banden e Marburg (as diferenças entre ciências nomotéticas e idiográficas e definição omológica de objeto como algo que se constrói). A seguir, o furacão darwiniano vai influenciar várias vertentes funcionalistas da psicologia (Figueiredo, 1989). Lembre-se, novamente, da leitura cristã da filosofia grega, recupere o fio condutor, mantendo presente o viés da disciplina (a preferência do professor).

O empreendimento científico requer desenvolvimentos instrumentais e analíticos que viabilizam ou impedem a descoberta, quando não levam a outras descobertas por puro acidente. A história está repleta destes casos. Assim, pode-se dizer que a ciência é um jogo competitivo com vitórias e derrotas. Mostra-se este jogo trazendo o problema produzido pelo desenvolvimento histórico de uma teoria que passa a fazer novas exigências, como, por exemplo, entender que a psicologia deve ser estudada no laboratório e não em nível puramente teórico. Tem-se então uma seqüência de experimentos que se diferenciam gradativamente, na tentativa de resolver as relações entre objetividade e subjetividade. Foram estudos que procuravam compatibilizar um objeto definido por uma tradição filosófica (o cartesianismo), com um modo de conhecer decorrente da exigência metodológica da física e da fisiologia. O mesmo pode-se fazer com uma revisão histórica do método experimental para o estudo da memória inaugurado por Ebbinghaus, ou do método dos tipos ideais proposto por Spranger para o estudo da personalidade (Wolman, 1960). Curiosamente, quando se inicia o projeto de Psicologia Fenomenológica na *Duquesne University*, Estados Unidos, o primeiro estudo experimental foi uma variação do experimento clássico de Ebbinghaus (Colaizzi, 1971). Procuo com este exercício manter presentes a crítica e a abertura para uma psicologia de muitas possibilidades ontológicas e epistemológicas. As questões da prática psicológica são tratadas como decorrências de escolha ou implicações éticas.

A proposta pode parecer ambiciosa e extensa para um semestre. Na verdade, críticas vêm surgindo nesta direção, e a Comissão de Coordenação do Curso de Psicologia estuda a possibilidade de ampliar a disciplina para dois semestres. A mudança seria interessante para poder tratar de um lado as teorias e sistemas e do outro a historiografia propriamente. Por outro lado, alunos dos últimos semestres manifestam interesse em poder revisitar a História da Psicologia, agora com mais conhecimento e experiência.



Algumas vezes foi possível sincronizar as disciplinas de História da Psicologia e Psicologia Experimental I. O programa de Psicologia Experimental I voltava-se para o estudo de experimentos clássicos em psicologia, nos vários sistemas teóricos. Assim, quando se discutia o papel histórico do experimento de Pavlov (1927) ou Tolman (1948), esses experimentos de alguma forma eram revividos nas aulas de Experimental. Hoje, programas computadorizados simulam muitos experimentos clássicos em psicologia facilitando a compreensão e o respeito por esta importante tradição em psicologia (vide a Revista *Teaching Psychology*). O mesmo pode ser feito com as tradições descritivas e interpretativas. Além disso, o planejamento criterioso do cronograma e das atividades didáticas faz uma diferença no uso do tempo e no aproveitamento geral da disciplina.

Nos primeiros anos em que lecionei a disciplina, o item “História da Psicologia no Brasil” era a última parte do programa. A disciplina encerrava com a história da regulamentação da profissão e o reconhecimento do Curso de Psicologia no Brasil, em 1962. Atualmente, inclui informações sobre a psicologia no Brasil no momento em que elas aconteceram, no curso da história. Por exemplo, quando a psicologia se iniciava na Alemanha, o que acontecia de psicologia no Brasil? Temos como exemplo teses escritas nas faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Outro exemplo, quando se fala em autores importantes como William James, Charles Darwin, Sigmund Freud, indica-se que notícias se tem do trabalho destes autores repercutindo no Brasil. James e Darwin visitaram o Brasil e escrevem impressões sobre o novo e exótico país (sobre Darwin, vide Desmond e Moore, 1995, pp. 137-138; sobre James, vide Feinstein, 1984, capítulo II – *Vacation in Brazil* pp. 169-181). Os trabalhos de Freud começaram a repercutir em nosso país desde 1899 nas aulas do professor Juliano Moreira na Faculdade de Medicina da Bahia, e o próprio Freud correspondeu-se com psicanalistas brasileiros, como foi o caso de Durval Marcondes em 1926 (Perestrello, 1988). Em outras palavras, assim como se fala dos desenvolvimentos da psicologia na Alemanha, Inglaterra, França, Rússia e Estados Unidos, fala-se igualmente no Brasil.

### **Cuidados complementares**

O lugar da produção científica é também valorizado na disciplina. Indica-se como a ciência saiu da clandestinidade e passou a ocupar um

espaço privilegiado na universidade. Descreve-se brevemente o modelo de universidade implantado na Alemanha em 1810 e que serviu de exemplo para as universidades modernas. O exemplo foi seguindo, de alguma forma, pela Inglaterra em 1819 e mais decididamente pelos Estados Unidos em 1876. A nova universidade caracterizava-se no apoio à pesquisa, no oferecimento de boas condições de trabalho (entenda-se laboratórios), no respeito à liberdade acadêmica e na remuneração adequada aos professores (Hearnshaw, 1987). É importante mencionar que a formação universitária começava na graduação e terminava com a tese de doutorado. Mostra-se, a seguir, que no Brasil tivemos inicialmente as pesquisas relacionadas às teses de doutoramento, trabalho apresentado ao final ou logo após o curso de graduação. No entanto, estas teses deixaram de ser uma exigência e foram extinguindo-se lentamente. Na década de 40, por exemplo, já eram raras as defesas de tese nas faculdades de medicina. A pesquisa volta a ganhar apoio no Brasil com a organização do CNPq e Capes, nos fins da década de 40 e início da década de 50. Outro impulso importante foi a reorganização da pós-graduação no início da década de 70. Aproveita-se para dizer que o Brasil conta com uma estrutura muito bem organizada de pós-graduação, coordenada pela Capes. No entanto, alerta-se para a expansão de uma pós-graduação fortemente anunciada pela mídia (entenda-se *marketing*) em geral conveniada com escolas estrangeiras e oferecidas no Brasil por entidades sem perfil acadêmico ou mesmo técnico-profissional.

## **Palavras finais**

Por fim, quero saudar o trabalho do Grupo de História da Psicologia nesta ANPEPP e desejar a ele muito sucesso. A preocupação com a história mostra a maturidade e a consolidação da Psicologia no Brasil. Trabalhos recentes em História da Psicologia no Brasil (Campos, 1992, Centofanti, 1982; Massimi, 1990; Penna, 1985; e Pessotti, 1988) permitem um melhor conhecimento do nosso passado e abrem novas perspectivas para a nossa compreensão da psicologia. São informações e interpretações que esclarecem nossa leitura das influências européias e norte-americanas, ajudam a entender as repercussões da psicologia no Brasil em diferentes épocas e identificam as contribuições da psicologia produzida no Brasil. Afinal, o Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a psicologia como profissão. A tarefa da proposta apresentada é justamente levar estas contribuições para o Curso de Graduação.

## Referências

- CAMPOS, R. H. F. (1992). “Notas para uma história das idéias psicológicas em Minas Gerais”. In: Conselho Regional de Psicologia/4ª Região (Org.) *Psicologia: Possíveis olhares outros fazeres* (pp. 11-63). Belo Horizonte, CRP/4ª (MG/ES).
- CENTOFANTI, R. (1982). “Radecki e a psicologia no Brasil”. In: *Psicologia: Ciência e Profissão*, 3(1), 3-50.
- COLAIZZI, P. F. (1971). “Analysis of the learners perception of learning material at various phases of a learning process”. In: A. Giorgi, W F. Fischer & R. von Eckartsberg (Eds.), *Duquesne studies in phenomenological psychology: Volume 1*. Pittsburgh, Duquesne University Press.
- DESMOND, A. & MOORE, J. (1995). *Darwin: A vida de um evolucionista atormentado* (H. dos Santos, G. Pereira & S. Kakovicz, Trans.). São Paulo, Editora Geração Editorial.
- FEINSTEIN, H. M. (1984). *Becoming William James*. Ithaca, NY, Cornell University Press.
- FERRATER MORA, J. (1988). *Dicionário de filosofia* (4 vols). Madrid: Alianza Editorial
- FIGUEIREDO, L. C. M. (1989). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, Vozes.
- GIORGI, A. (1970). *Psychology as human science: A phenomenologically based approach*. New York, Harper & Row. Tradução brasileira (1978). *Psicologia como ciência humana: Uma abordagem de base fenomenológica* (Riva S. Schwartzman, Trad.). Belo Horizonte, Interlivros.
- GOMES, W (1990). “O papel crítico da epistemologia na formação do pesquisador”. Simpósio. In: *Anais do III Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio científico, da ANPEPP em Águas de São Pedro de 26 a 30 de agosto*, pp. 29-41.
- LANIGAN, R. (1988). *Phenomenology of communication*. Pittsburgh, PA.: Duquesne University Press.
- LOURENÇO FILHO, M. D. (1971). “A psicologia no Brasil”. In: *Arq.Bras. Psic. Apl.* 23(3), 113-142. (Publicado originalmente em 1954).
- MASSIMI, M. (1990). *História da psicologia brasileira*. São Paulo, EPU.

- MUELLER, F. L. (1968). "História da psicologia" (L. L. de Oliveira, M. A. Blandy & J. B Damasco Penna). São Paulo, Companhia Editora Nacional/Editora da USP.
- PAVLOV; I. P. (1927). *Conditioned reflexes* (G. V. Anrep, Trad.). London, Oxford University Press.
- PENNA, A. G. (1985). *História da psicologia: Apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- PERESTRELLO, M. (1988). "Primeiros encontros com a psicanálise. Os precursores no Brasil (1899-1937)". In: S. A. Figueira (Org.) *Efeito Psi: A influência da psicanálise*. Rio de Janeiro, Editora Campus.
- PESSOTTI, I. (1988). "Notas para uma história da psicologia brasileira". In: Conselho Federal de Psicologia (Org.) *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo, Edicon.
- TOLMAN, E. C. (1948). "Cognitive maps in rats and men". In: *Psychological Review*, 55, 189-208.
- WOLMAN, B. J. (1960). *Contemporary theories and systems in psychology*. New York, Harper & Row.